



GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Cultura periférica e saberes localizados: uma perspectiva epistemológica sobre o movimento da literatura marginal

Autoria: Lucas Amaral de Oliveira

Muito se tem debatido, nas ciências sociais, sobre práticas e metodologias de descoloniza o de saberes e horizontaliza o dos espaços de escrita e fala. Isso vem sendo colocado em pauta por aqueles que se preocupam em aliar práticas de engajamento coletivo, colabora o intelectual e troca de experiências. Esta proposta de comunica o   fruto de experimenta es epistemológicas empreendidas durante pesquisa de doutorado em sociologia finalizada, recentemente, na Universidade de São Paulo. O estudo analisou a proje o de escritorxs, provenientes de bairros negligenciados da capital paulista, que atribuem a si e a seus objetos literários as alcunhas ?marginal? e ?periférico?, ao ponto de ser possível vislumbrar, hoje, a existência de um Movimento da Literatura Marginal, nascido e consolidado nas periferias. Esses novos protagonistas da cena cultural têm sido responsáveis por uma produ o literária pujante e heterog nea, ainda que suas cria es, para certa crítica, não se adequem às hierarquias simbólicas de praxe. Durante work de campo, notei que a viabilidade do movimento se deu, sobretudo, graças às lutas desses agentes para inverter processos de estigmatiza o de suas produ es e validar saberes artísticos, de modo a circunscrever seus lugares de fala, escrita e atua o, suas estratégias de arranjo sociocultural e seu projeto literário em um contexto de lutas anti-hegem nicas contra diversas matrizes de domina o. O objetivo desta comunica o   apresentar parte dos resultados obtidos durante pesquisa, em especial alguns exercícios epistemológicos e metodológicos de sociologia reflexiva e colaborativa que pratiquei junto com os agentes na confec o da tese. Trata-se de explicitar o modo como experiências de pesquisa, militância e encontro entre saberes variados podem proporcionar, de um lado, um diálogo intercultural com diferentes agentes e, de outro, uma imagina o política e epistemológica capaz de reconhecer conhecimentos nascidos no cotidiano da luta. A



hipótese de work é que em tais cenários de traduções e trocas interculturais, nesses espaços de tensão epistemológica, mas sobretudo de convivência, interlocução e parcerias nos processos de produção de saberes, pode desenhar-se uma ciência social crítica e pública que, em vez de visar a interpretação da ?voz dos silenciados?, busca ouvir suas polifonias e compreender os lugares a partir dos quais suas demandas tomam forma e ganham força. O alvo deve ser, portanto, o de entender sob quais condições certa realidade sócio-cultural pode deixar de ser a repetição desenfreada da violência, desigualdade, assimetria, injustiça, discriminação e marginalização sociais, inclusive em seu aspecto epistêmico, para converter-se em palco de reconhecimento de cidadania cultural e social.



Realização:



Apoio:



Organização:

